



**UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA**

---

**Departamento de Computação  
Especialização em Informática na Educação**

**LETÍCIA VALÉRIA GASPARETTO**

**INFORMÁTICA APLICADA AO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO  
ENSINO FUNDAMENTAL**

---

**LONDRINA**

**2007**

LETÍCIA VALÉRIA GASPARETTO

**INFORMÁTICA APLICADA AO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO  
FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação *lato sensu* em Informática na Educação, como requisito parcial à sua conclusão.

Orientador: Prof. Dr. Vitor Valério de Souza Campos.

LONDRINA

2007

GASPARETTO, Letícia Valéria.

Informática aplicada ao ensino de Língua Inglesa no Ensino Fundamental/GASPARETTO, Letícia Valéria. Londrina: UEL/ Universidade Estadual de Londrina, 2007.

56 f.

Orientador: Vitor Valério de S. Campos  
Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação *lato sensu* em Informática na Educação – Universidade Estadual de Londrina / UEL, 2006.

Referências: f. 99-102

1. Informática na Educação. 2. Ensino de Língua Inglesa. 3. Ensino Fundamental – Monografia. I. Campos, Vitor Valério de S.. II. Universidade Estadual de Londrina. Especialização em Informática na Educação. III. Informática aplicada ao ensino de Língua Inglesa no Ensino Fundamental.

LETÍCIA VALÉRIA GASPARETTO

**INFORMÁTICA APLICADA AO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO  
ENSINO FUNDAMENTAL**

Esta monografia foi julgada adequada e aprovada em sua forma final pela Banca Examinadora do Curso de Especialização Lato-Sensu em Informática na Educação, do Departamento de Computação da Universidade Estadual de Londrina.

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Vitor Valério S. Campos (Orientador)  
Universidade Estadual de Londrina

---

Prof. Dr. Alan Salvany Felinto  
Universidade Estadual de Londrina

---

Prof. Dr. Marcio Akio Shimoda  
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, 30 de agosto de 2007.

Dedico esse trabalho a Deus, primeiramente, que me deu forças para estar aqui hoje.

Aos meus pais, pelo amor e carinho incondicional e ao meu irmão, por todo apoio.

Ao meu namorado, pelo amor e carinho sempre dedicados a mim.

Aos meus alunos, que sempre fizeram com que essa luta não fosse em vão.

Aos mestres, com carinho!!

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus pela minha vida, a vida das pessoas que eu amo e por permitir que eu veja sua grandeza e amor sem fim em minha vida.

Aos meus pais, Ademar e Marlene, ao meu irmão, André, que se fazem presentes e imprescindíveis para que eu esteja aqui até hoje.

Ao meu namorado, Diogo, pelo apoio, paciência e auxílio durante a execução desse trabalho e por tudo o que representa na minha vida.

Ao Prof. Dr. Vitor Valério de S. Campos, meu orientador, pela atenção, amizade e a forma como se disponibilizou para realizar a orientação desse trabalho.

A todos docentes do curso de pós-graduação, pelo apoio e incentivo ao longo do ano, colaborando de todas as formas possíveis para a conclusão deste trabalho. E em especial à Prof<sup>a</sup>. Marília, que me incentivou, ajudou e foi amiga nas horas que precisei.

A todas as pessoas que colaboraram direta ou indiretamente para que esse trabalho pudesse ser concluído com êxito.

*Há homens que lutam um dia e são bons.  
Há outros que lutam um ano e são melhores.  
Há os que lutam muitos anos e são muito bons.  
Porém, há os que lutam toda a vida.  
Esses são os imprescindíveis.*

*Bertolt Brecht*

*Ensinar é um exercício de imortalidade.  
De alguma forma continuamos a viver  
naqueles cujos olhos aprenderam a ver  
o mundo pela magia da nossa palavra.  
O professor, assim, não morre jamais...*

*Rubem Alves*

GASPARETTO, Letícia Valéria. **Informática aplicada ao ensino de Língua Inglesa no Ensino Fundamental**. 2007. 56 f. Monografia (Especialização em Informática na Educação). Universidade Estadual de Londrina, Paraná 2007.

## RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo elencar e discutir o uso da informática na educação, especialmente no ensino de Língua Inglesa para o Ensino Fundamental, além de analisar as abordagens Instrucionista e Construcionista. Juntamente, apresenta a informática na sala de aula, o uso correto da mesma dentro da abordagem Construcionista, que acarreta em um aproveitamento total. Além disso, apresenta também a importância da informática e suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem. Como corroboração, este trabalho propõe uma ferramenta voltada à Língua Inglesa com a temática “cores” para o 3º ano/2ª série do Ensino Fundamental, contendo material para a prática ou revisão do conteúdo. Esta ferramenta foi desenvolvida na linguagem de programação Visual Basic .Net e tem como objetivo mostrar que o uso da informática é fácil, possível e acessível no ensino de Língua Inglesa.

**Palavras chaves:** Informática; educação; abordagem construcionista; ensino de Língua Inglesa; Ensino Fundamental.



GASPARETTO, Letícia Valéria. **Computer science applied to English Language Teaching in Primary Education**. 2007. 56 f. Monograph (Specialization) - Computer science in the Education. State University of Londrina, Paraná 2007.

### **ABSTRACT**

The main objective of this work is to list and discuss the use of informatics in education, in special the English Language Teaching in Primary Education, analyzing the Instructionist and Constructionist approaches. As well as that, it presents the informatics in the classroom, the correct use of it within the Constructionist approach, leading to full learning. Besides, it also presents the importance of informatics and contributions to the teach-learning process. As corroboration, this work propouses a tool returned to English Language using “colours” as a theme for 3<sup>rd</sup> year/2<sup>nd</sup> grade of Primary Education, with material for practise or revision of the content. This tool was developed in Visual Basic .Net programming language and it aims to show that the use of informatics is easy, possible and accessible in English Language Teaching.

**Key words:** Computer science; education; constructionist approach; Teaching of English Language Teaching; Primary School.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Tela 1: Tela principal .....</b>	<b>41</b>
<b>Tela 2: Tela inicial – mensagem para preencher o nome .....</b>	<b>41</b>
<b>Tela 3: Tela principal.....</b>	<b>42</b>
<b>Tela 4: Tela de acerto .....</b>	<b>42</b>
<b>Tela 5: Tela de erro .....</b>	<b>43</b>
<b>Tela 6: Tela de erro de grafia .....</b>	<b>44</b>
<b>Tela 7: Tela de erro – palavra não inclusa no programa .....</b>	<b>44</b>
<b>Tela 8: Tela de erro – cor branca .....</b>	<b>45</b>
<b>Tela 9: Tela de erro – cor não inclusa no programa .....</b>	<b>45</b>

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1 A presença do Inglês e do Português no mundo .....</b>	<b>36</b>
--	-----------

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAI	Computer Aided Instruction
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2 O QUE É INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO?.....</b>	<b>17</b>
<b>3 A INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO: AS POSSÍVEIS TEORIAS/ABORDAGENS EDUCACIONAIS .....</b>	<b>24</b>
3.1 ABORDAGEM INSTRUCIONISTA .....	24
3.2 ABORDAGEM CONSTRUTIVISTA .....	27
3.3 A ABORDAGEM CONSTRUCIONISTA NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA.....	29
<b>4 O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA E A ABORDAGEM CONSTRUTIVISTA</b>	<b>32</b>
<b>5 UMA PROPOSTA CONSTRUCIONISTA PARA A LÍNGUA INGLESA.....</b>	<b>40</b>
5.1 DESCRIÇÃO DO PROGRAMA “COLOURS” .....	40
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>47</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>52</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>55</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Não é de hoje que é visível a importância da informatização das salas de aula. É notória a presença e a necessidade da computação para a vida tanto dos professores quanto para alunos e funcionários das escolas. Porém, infelizmente, grande parte das escolas públicas ainda está desinformatizadas ou contam com um pequeno número de unidades, segundo pesquisa realizada pela Secretaria de Educação a Distância, órgão vinculado ao MEC (Ministério da Educação e Cultura): 52.039 escolas públicas (29,8%) com 308.539 computadores, 23.719 escolas públicas acessam Internet (13,6%), 27.664 escolas públicas (15,8%) com computadores para uso pedagógico, 10.227 escolas públicas (5,8%) com mais de 10 computadores (BRASIL, 2004).

Além disso, nem todos os professores têm amplo acesso à informática. Dessa forma, segundo Falzzeta (2002), eles podem ser divididos em os que estão familiarizados com os microcomputadores, mas não sabem como utilizá-los em sala de aula; e os que nunca tiveram contato com a informática por falta de oportunidade, por exemplo. Essa talvez seja a maior barreira que a tecnologia encontra: o despreparo dos professores. Isso pode resultar numa utilização que não explora tudo o que a tecnologia pode proporcionar ao processo de ensino-aprendizagem, aos professores, colaborando para tornar suas aulas mais interessantes e produtivas.

Já no tocante à realidade do aluno, ter acesso à informática na escola é uma maneira de possibilitar uma formação mais completa, já adequada à nova realidade do mundo: uma sociedade da informação, regida pela tecnologia e

exigente quanto aos que nela estão inseridos. Isso fica claro nos PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais, no que diz respeito à tecnologia:

Ter acesso ou não à informática pode ser constituir em elemento de discriminação na nova sociedade que se organiza. O que já se pode constatar atualmente, é o distanciamento entre os que conhecem e desconhecem o funcionamento dos computadores (BRASIL, 2000, p. 60).

Além do que já foi apresentado, o aluno pode ser mais ativo e independente trabalhando com a informática, pois, dessa forma, ele estabelece o ritmo de trabalho, sente-se motivado diante de uma nova tecnologia, pode buscar informações que deseje, além de poder interagir mais do que em uma aula convencional.

Sendo assim, a popularização da informática e as amplas oportunidades de utilização dela na sala de aula demandam mudanças na educação. Nesse contexto, o professor deve usar a informática como recurso de ensino-aprendizagem, não como apoio à educação. O uso de computadores no ambiente escolar deve mostrar uma nova realidade: a tecnologia agora passa a criar condições de aprendizagem, como complementação, aperfeiçoamento do ensino. Ou seja, a informática deixa de ser, segundo Valente (1993), apenas uma fonte de informação, referindo-se à Internet, passando a ser um instrumento de construção do conhecimento.

Juntamente à importância da informática para a sociedade em que vivemos, o ensino de Línguas Estrangeiras se faz mais do que necessário, além de ser uma realidade. O ensino de Língua Inglesa, por exemplo, tem sido adotado na grade curricular cada vez mais cedo. Atualmente, alguns livros didáticos já trazem essa disciplina nos livros de Educação Infantil. Esse ensino se configura de forma

lúdica e motivadora por se tratar, principalmente, de crianças. Talvez esse quadro pareça ser exagerado, mas, segundo os PCNs (BRASIL, 2000, p. 30),

[...] Ao conhecer outra (s) cultura (s), outra (s) forma (s) de encarar a realidade, os alunos passam a refletir, também, muito mais sobre sua própria cultura e ampliam a sua capacidade de analisar o seu entorno social com maior profundidade, tendo melhores condições de estabelecer vínculos, semelhanças e contrastes entre a sua forma de ser, agir, pensar e sentir e a de outros povos, enriquecendo a sua formação. A aprendizagem passa a ser vista, então, como fonte de ampliação dos horizontes culturais.

E quanto mais cedo isso começar a ser feito, melhor e mais completa será a formação do indivíduo.

Diante do que foi exposto, apresentar que a conciliação entre sala de aula e computador é possível se faz necessária. Por isso, o presente trabalho propõe estudar como a tecnologia pode auxiliar no ensino de Língua Inglesa no Ensino Fundamental através de uma realidade não muito difundida no ensino dessa língua: a abordagem construcionista.

Além disso, como corroboração das idéias apresentadas, o presente trabalho também propõe uma atividade sobre cores em Língua Inglesa para o 3º ano/2ª série do Ensino Fundamental, segundo o viés construcionista. Outro objetivo do trabalho é mostrar que a informática deve deixar de ser uma coadjuvante no ensino, passando a ser uma técnica de ensino-aprendizagem sob o comando do professor.

Para tanto, o segundo capítulo destina-se a falar sobre o que é informática na educação, como ela deve ser vista e aplicada no cotidiano do processo de ensino-aprendizagem e como pode ser aplicada ao ensino de Língua Inglesa para o Ensino Fundamental.

O terceiro capítulo apresenta duas teorias de aprendizagem: a abordagem Instrucionista e a Construcionista. Além disso, mostra como é o ensino



de Língua Inglesa atualmente, além de como o construcionismo é importante e necessário para o aprendizado de Língua Inglesa.

O quarto capítulo é dedicado à Língua Inglesa: a importância de se aprender uma segunda língua, o porquê se deve aprender, quais os objetivos que se tem com esse ensino e o que se espera dele.

O quinto capítulo apresenta uma atividade destinada ao 3º ano/2ª série do Ensino Fundamental, corroborando a importância da introdução da informática na educação e da abordagem Construcionista no ensino de Língua Inglesa nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Essa atividade é fundamentada pela teoria mencionada anteriormente e foi desenvolvida na linguagem de programação Visual Basic. Net.

## 2 O QUE É INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO?

A importância que a informática tem em nossas vidas é inquestionável: encontramos computadores (não só no formato “convencional” – monitor, CPU, teclado e mouse) em todos os lugares: caixas de supermercado, bancos, escolas, consultórios médicos, hospitais etc. A tecnologia tem sido uma grande aliada da vida moderna, já que nos possibilita comodidade, facilidade, rapidez no processamento de dados (importante na sociedade do conhecimento) e inúmeros outros benefícios.

A presença e a utilização da Internet na vida da maioria das pessoas é algo comum que, muitas vezes, torna-se indispensável com o atual ritmo de trabalho e vida de nossa sociedade. Além disso, a facilidade que a rede mundial de computadores nos proporciona em realizar pesquisas, pagar contas, como mídia informativa, como meio de comunicação é atrativa e, em alguns casos, necessária.

Quando se fala de Internet, fala-se também em comunicação. Por ser considerada um meio de comunicação pessoal, entre familiares, amigos; entre empresas, para fins comerciais; entre pesquisadores, para disseminação de seus experimentos, entre tantas outras funções que a Internet pode desempenhar em nossas vidas.

Dentre as línguas utilizadas nessa comunicação, tem-se o Inglês que, onde quer que se vá, pode ser entendido, sendo de suma importância para a vida do cidadão deste mundo. Devido a sua grande difusão e popularidade, pode ser encontrado: na informática, em linguagens de programação; na Internet; na vida

cotidiana, em produtos, serviços, termos técnicos de algumas áreas do conhecimento, músicas, livros, enfim, está presente em quase tudo que nos rodeia.

Por isso, ensinar Língua Inglesa é mais do que uma obrigação do atual currículo é uma necessidade para se viver na sociedade do conhecimento. E já que essa língua é tão presente na informática, na Internet e em nossas vidas, a própria informática pode contribuir para seu ensino, não só através da sua presença (já que se aprende por “inércia” termos como *site*, *e-mail*), mas também um meio didático no ensino regular de Língua Inglesa nas escolas. Essa nova inserção seria interessante para fugir do tradicional ensino em que o grande diferencial é o uso de músicas para dinamizar as aulas.

Como a informática na educação é uma realidade, temos que usufruir dela ao máximo, pois tanto para os docentes quanto para os discentes o benefício é recíproco, o aprendizado torna-se cada vez mais prático, fácil e acessível.

Existem diversos métodos que a informática pode ser utilizada, fazendo com que tenhamos maiores probabilidades de assimilação dos conteúdos que nos são apresentados. Segundo Leite (1996, p.30), a “educação é um processo de vida e não uma preparação para vida futura” e isso é confirmado no dia-a-dia, já que nos educamos e reeducamos constantemente, somos bombardeados pela mídia escrita, falada e televisa, fazendo que nossa memória cada vez mais assimile as situações do cotidiano.

A escola tem um papel fundamental em nossa vida, pois nos molda constantemente, através do material didático e da vivência escolar. Sua importância é indiscutível para a criança, pois nela aprende a teoria que, na vida, o aluno vê na prática.

As obras de Valente (1993) e Andrade (2003) afirmam que o aluno é considerado com sujeito ativo, pois se compararmos o conteúdo que nos eram transmitidos num passado recente e hoje, vemos que a evolução foi significativa, pois o aluno não é mero coadjuvante na sala de aula, procura interagir mais com os colegas e professores, através de discussão em grupos de trabalho, que se apresentam com temas mais diversos possíveis. Essa vivência é algo que a escola deve proporcionar ao aluno do novo século: criar um cidadão ativo na sociedade do conhecimento, que tem autonomia para buscar e processar informações, resolver problemas e trabalhar em grupo.

Mas para que esta interação aconteça, alunos e professores devem agir na sala aula, e não apenas estes últimos. A função de “fonte do conhecimento” do professor o isola em um pequeno universo, mas a partir do momento que é dada a oportunidade aos alunos de mostrarem seus conhecimentos prévios, de mundo, sua criatividade, com certeza o ensino se dará em maior quantidade e qualidade.

Diante da realidade em que vivemos, o papel do professor não é mais simplesmente transmitir o conteúdo programático, ele deve ser um facilitador, mediador do conhecimento e amigo no processo de ensino-aprendizagem, já o aluno, não mero receptor, mas sim um receptor ativo das mensagens a ele dirigidas, buscando as informações que o interessa, preparado para resolver problemas e para trabalhar em equipes ou independentemente.

Com a introdução do computador na sala de aula, o aluno consegue desenvolver um maior grau de raciocínio, trabalhar em seu tempo, interagir com o processo de ensino, potencializando cada vez mais o conhecimento a ele transmitido.

Como já foi dito anteriormente, a informática chegou até a escola, mas precisamente, à sala de aula. E quando nela chegou (e ainda chega), encontrou (e ainda encontra) diversas barreiras, tais como, falta de computadores e laboratórios de informática, professores não qualificados ou com medo da nova tecnologia, falta de políticas educacionais de apoio à informatização das escolas, entre outras. Felizmente, esse quadro não mostra a realidade de um país inteiro. Em escolas particulares, e em até algumas públicas, a situação é animadora: laboratórios em pleno funcionamento, bons softwares, além dos benefícios e atrativos que a Internet traz consigo.

Mesmo diante desse panorama da informática na escola, o computador é uma realidade no ensino. Mas, o que exatamente ele pode proporcionar ao ensino parece ser uma pergunta bem simples de ser respondida: é a informática auxiliando no processo de ensino e aprendizagem; porém, segundo Valente (1993, p. 03), “[...] o uso da informática em educação não significa a soma da informática e educação, mas a interação dessas duas áreas”.

Muitos professores vêem a informática na educação como simplesmente o professor sendo substituído pelo computador, já que a tecnologia pode tranqüilamente exercer a função do professor no âmbito instrucionista: o de transmissor da informação, do conhecimento. Essa pode ser uma barreira para o professor “ceder aos encantos” que a informática pode proporcionar à sua prática pedagógica: ser substituído. Professores resistentes a mudanças, por medo do novo, por desconhecer a tecnologia e os benefícios que ela pode trazer ou ainda por não dominar o uso do computador e ver que seus alunos o fazem podem ser as principais barreiras para a modernização do ensino.

Segundo Demo (1993), a maior barreira é o próprio meio em que o professor convive, pois, os próprios alunos exigem do professor uma prática pedagógica que seja baseada na metodologia do professor ensina, alunos aprendem, decoram ou repetem. É como se esses alunos acreditassem que o ensino é assim, a única forma que se aprenderia de verdade.

O importante é que o computador seja, para a atual educação, com uma outra ferramenta dentre tantas que o professor tem à sua disposição: retroprojeto, televisão, rádio, vídeo, *DVD player*, giz, lousa e apagador. Entretanto, segundo Valente (1998, p. 05):

O computador é um meio didático [...]. De fato, certas características do computador como capacidade de animação, facilidade de simular fenômenos, contribuem para que ele seja facilmente usado na condição de meio didático. No entanto, isso pode ser caracterizado como uma subutilização do computador se pensarmos nos recursos que ele oferece como ferramenta de aprendizagem.

Por isso, cabe ao professor estar bem preparado para não subutilizar o computador em sua prática pedagógica. A contribuição que a informática pode trazer é infinita, dependendo da forma como for utilizada, assim como qualquer outro meio didático.

Muitas vezes, ainda, a informática na educação é vista como uma disciplina, “aprender sobre computadores”, já que é notória a necessidade de ser um cidadão ativo na sociedade do século XXI, a era da informática. Para muitas pessoas, ainda é de responsabilidade apenas da escola ensinar o aluno a usar o computador. A escola também pode ensinar sobre computadores, mas esse não é e não deve ser foco principal da informática na educação.

A escola não pode aumentar os índices de “analfabetismo digital”, mas faz-se necessário destacar que não é essa a principal função da informática na educação, ela é instrumento de ensino, não material/objeto de estudo.

Em uma sociedade dominada pela informação, algumas das metodologias ensinadas pela escola tornam-se obsoletas, já que, a antiga exigência de que o aluno decorasse conceitos está sendo substituída pela necessidade de ensiná-lo a buscar e usar a informação de que necessita. É a nova realidade em que estamos inseridos: regidos por informações, as quais buscamos, selecionamos e processamos, resolvemos problemas e tornamo-nos mais independentes com o auxílio da tecnologia. Será que a escola tem proporcionado esse tipo de ensino a seus alunos?

Dentro desse contexto, o professor passa então a ser mediador do conhecimento, deixando de ser o foco central da aula. Aulas tradicionais, em que o professor fala e o aluno escuta, passam a ser substituídas por aulas interativas, e é aí que o computador entra. Segundo Valente (1993, p. 06), nessa nova realidade,

[...] o professor deve deixar de ser o repassador do conhecimento – o computador pode fazer isto e o faz muito mais eficientemente do que o professor – e passa a ser o criador de ambientes de aprendizagem e facilitador do processo de desenvolvimento intelectual do aluno.

Porém, convém ressaltar que, as aulas tradicionais não estão sendo extintas, já que, para determinados fins, as diferentes abordagens são necessárias, dependendo do objetivo que se tem. Segundo Chaves e Setzer (1988, p. 18):

[...] nem toda forma de utilização (da informática) presta-se igualmente bem a todos os objetivos educacionais. Algumas são mais adequadas para atingir certos objetivos, outras cumprem melhor finalidades pedagógicas diferentes. Ao final, porém, quase todas podem trazer resultados pedagogicamente benéficos.

Por isso, é necessário enfatizar que a informática na educação não busca excluir determinada abordagem educacional e inserir uma nova como a ideal. Todas são importantes e tem características próprias, vantagens e desvantagens.

Desta forma, analisar o contexto do ensino, as necessidades dos alunos, vendo com qual os alunos melhor se adaptam, ou até utilizar-se de diferentes abordagens, na mesma turma, para atingir melhores resultados. Assim, como qualquer abordagem dissociada do computador, cada modalidade tem suas vantagens e desvantagens, cabendo ao professor saber aproveitar e tirar melhor proveito de cada uma.



### **3 A INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO: AS POSSÍVEIS TEORIAS/ABORDAGENS EDUCACIONAIS**

Como foi dito no capítulo anterior, o computador pode assumir mais de uma função no âmbito educacional, entre os principais, ser usado para informatizar o ensino tradicional (Abordagem instrucionista) ou como um meio didático (Abordagem construcionista). Escolher uma abordagem significa definir o papel que o computador exercerá na educação, com qual objetivo se usa a informática. Por isso, é importante ressaltar que uma abordagem não exclui a outra, elas se complementam, ambas são importantes.

#### **3.1 ABORDAGEM INSTRUCIONISTA**

O Instrucionismo é um método de ensino em que o aluno recebe a informações inerentes a um conteúdo específico de forma instruída, com ajuda da tecnologia da informação, através de computadores alimentados por softwares implementados para este fim. Essa abordagem possibilita, ainda, que o aluno adquira os conteúdos forma crescente de complexidade, se assim o desejar, sendo, a sua aprendizagem, uma somatória de informações.

Segundo Valente (1993, p. 01), “Na educação, o computador tem sido utilizado para ensinar sobre computação – ensino de computação ou ‘computer literacy’”. Nesse sentido o aluno aprende o que o computador ou programa está

programado para produzir, ensinar. Exemplos desse tipo de uso são os programas do tipo tutorial, de exercício e prática, jogos e simuladores.

Ou então, o computador é usado para ensinar praticamente qualquer assunto – ensino através do computador, o que significa que o computador é um meio usado estudar, sendo que os alunos o utilizam como um auxílio para facilitar tarefas. Nesta categoria entram os processadores de texto, as planilhas, os bancos de dados, os programas de construção e manipulação de gráficos, entre outros.

Pode-se afirmar que o Instrucionismo fundamenta-se na informatização do processo de transmissão de informações. Nele, muitas vezes o aluno é considerado uma tábula rasa, na qual podem ser impressos os conteúdos. Dessa forma, o aluno reproduz métodos, resoluções, conceitos, visto que apenas recebe o conteúdo. Já o professor utiliza o computador para transmitir (instruir) conteúdos, sendo considerado uma fonte de conhecimentos, o papel social a ele incumbido ao longo dos anos pela sociedade, (o que pode fazer com que o professor seja substituído facilmente pela máquina se não desempenhar outro papel). O diferencial ao utilizar o computador segundo essa teoria seria aperfeiçoar/informatizar as técnicas de transmissão do conteúdo do livro-texto. Nesse sentido, a tecnologia vem como um auxílio na comunicação, tanto em sala de aula quanto on-line.

O Instrucionismo ganhou espaço na educação em torno da década de 60, quando, de acordo com a proposta de Skinner, vários programas de instrução programada foram implementados no computador - nascia a Instrução Auxiliada por Computador (CAI - *Computer Aided Instruction*), em que o computador assume o papel de máquina que “ensina” o aluno.

Desde então, essa utilização viabilizou a implementação de novas práticas pedagógicas que usam o computador como auxílio à educação e à aprendizagem. Com isso, o aluno tem a possibilidade de aumentar seus conhecimentos, pois essa abordagem baseia-se, segundo Valente (1998), em:

- Exercícios e prática: em que é dada ênfase à realização de exercícios com graus de dificuldades variados, além de verificar e/ou avaliar se o conteúdo foi bem assimilado;
- Tutoriais (instrução explícita e direta): apresentam as lições ou as explicações sobre o assunto;
- Simuladores: o aluno não tem meio de interferir no fenômeno que está sendo simulado.

Por fim, é importante destacar que, dependendo do objetivo que se tem com determinado conteúdo, a Abordagem Instrucionista é necessária e eficaz, apesar da visão negativa que profissionais da educação têm em relação ao seu uso. Isso também se deve ao fato de ser a abordagem mais utilizada atualmente. Deve-se lembrar sempre que em nossa sociedade o que é novo tem status privilegiado (Abordagem Construcionista), porém, como já foi dito anteriormente, uma teoria não exclui a outra, sendo as duas complementares em uma nova direção a que se destina a educação.

### 3.2 ABORDAGEM CONSTRUCIONISTA

Nesta abordagem, o aluno é considerado sujeito ativo no processo de aprendizagem, em que ele constrói o próprio conhecimento. O uso dos computadores sob a ótica Construcionista parte de uma direção inversa à do Instrucionismo. Nela, o aluno instrui o computador e o computador passa a ser uma máquina para ser ensinada, representa suas idéias através de um software apropriado e o computador é uma ferramenta que permite ao aluno resolver problemas. Desta forma, o aluno aprende exercitando uma tarefa de "ensinar" o computador (VALENTE, 1998).

Segundo Papert (2001, p. 59), “Não devemos aprender a dar respostas certas ou erradas, temos de aprender a solucionar problemas”. E é essa a proposta da abordagem Construcionista: a escola tem que dar o suporte para que o aluno construa o conhecimento. Pensando assim, se o aluno constrói seu próprio conhecimento, este é totalmente relevante para ele, pois passa a ser uma verdade contextualizada em sua vida, e não apenas uma verdade escrita em páginas de livros. Dessa forma, o educando aprende mais e melhor, pois o ensino tem significado/aplicabilidade em sua vida.

Corroborando essa idéia, Andrade (2003, p. 63) afirma que:

A aprendizagem é um processo pessoal – ninguém aprende por outra pessoa, o aprender depende do envolvimento de cada um, do esforço próprio e capacidade de cada pessoa. Ninguém pode colocar na mente do outro um conhecimento, ou nem mesmo um simples conteúdo ou informação que não decorra do interesse e do esforço pessoal. O interesse é relevante à aprendizagem.

Nesta abordagem, o aluno é condicionado a levantar hipóteses, testar, criar, relações entre os conhecimentos a partir do uso do computador na atual educação. Isso se dá visto que ele mesmo busca soluções práticas para suas tarefas e, no caso de erro, tenta descobrir no que falhou, não sendo punido com nota por isso, já que o erro é um aprendizado, não motivo para punição.

Também é motivado a descobrir algo de seu interesse específico, que venha trazer satisfação no que está sendo realizado, buscando novos horizontes e procurando cada vez mais aperfeiçoá-los.

Esta prática faz com que o aluno valorize mais o conteúdo programático oferecido pela escola, não se limitando ao ensino convencional, há mais liberdade de expressar seus conhecimentos e promover sempre a entrada de novas mudanças na prática do dia-a-dia.

O Construcionismo faz com que o professor repense seus métodos de ensino, pois é de suma importância que haja interação com as novas tecnologias que aparecem num curto espaço de tempo. Nessa abordagem, o professor, primeiramente, deve criar um ambiente de companheirismo e de respeito para com as dúvidas e teorias dos alunos, já que tem o papel de provocar reflexões no educando acerca do objeto em estudo, questioná-lo sobre o que está acontecendo, o que pode acontecer e o porquê, além de comparar situações novas com anteriores ou com a realidade do aluno. O papel do professor nessa abordagem é de extrema importância quanto à motivação dos alunos. Criar motivos para os alunos aprenderem, interessem-se por aprender determinado conteúdo não é fácil ou simples para professores. Segundo Andrade (2003, p. 71),

Motivar ou produzir motivos significa predispor a pessoa para a aprendizagem. O aluno estará motivado para aprender quando está disposto a iniciar e continuar o processo de aprendizagem, ou quando está interessado em aprender um certo assunto ou resolver um dado problema.

Daí a importância em motivá-lo tendo em vista seus interesses, sua bagagem cultural. A motivação fica evidente na atitude das pessoas, já que são elas que decidem conscientemente o que querem ou não fazer, levando em consideração uma série de motivos. Isto tem a ver com intencionalidade, em suma, com aprendizagem.

Ao concluir a reflexão sobre esta abordagem, é importante destacar que este trabalho foca a Construcionista, porque ela corrobora com a teoria da aquisição da linguagem, utilizada nesse trabalho no tocante à Língua Inglesa. Além disso, ela destaca-se em meio a outras devido ao que a sociedade do conhecimento exige de seus cidadãos e aos novos rumos que a educação tem tomado: atualmente o ensino visa alunos mais autônomos, independentes no processo de ensino-aprendizagem.

### 3.3 A ABORDAGEM CONSTRUCIONISTA NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

O ensino de Língua Inglesa no Ensino Fundamental não é obrigatório em escolas públicas antes do 6º ano/5ª série, porém é adotado na maioria das escolas particulares desde a Educação Infantil. Ensinar uma língua estrangeira possibilita ao aluno ampliar seu conhecimento de mundo, sua visão de outra cultura, abrir as portas para um mundo novo.

Atualmente, na maioria das salas de aula de Língua Inglesa, o ensino é baseado na Abordagem Instrucionista: o professor apresenta o conteúdo do livro didático à turma, propõe treino da pronúncia do novo vocabulário, a prática de exercícios relacionados à interpretação de textos e de diálogos e à gramática e, por fim, e não em muitos casos, o treino da audição da nova língua. Essas quatro

habilidades – leitura, escrita, audição e fala – não são sempre exploradas, visto que o material do aluno geralmente é composto apenas do livro didático, com raras exceções de alguns materiais nacionais e internacionais que acompanham CD.

O computador no ensino de Língua Inglesa é usado, em sua grande maioria, para utilização de softwares de tutoriais ou exercícios e prática. Também é utilizado para pesquisas, freqüentemente solicitado pelo professor como uma atividade extra, fora da sala de aula.

Segundo o Instrucionismo, qualquer aprendizagem poderia ser tratada em termos de resposta errada – punição. Já o Construcionismo avalia o erro não como resultado da ausência de conhecimentos, mas sim o contrário, resultado de conhecimentos estruturados erroneamente, não sendo punido.

Dessa forma, o ensino de Língua Inglesa baseado na abordagem Construcionista ainda é incipiente e pouco comum. Isso pode ser comprovado na análise feita nas obras *Playing in English*, de autoria de Cleide Lima e Willian Carvalho, *Marcha Criança*, de César Nyaradi e Luiza A. P. Oliveira, e *Hello!*, de Eliete Morino e Rita Faria, que estão entre as mais adotadas no Brasil e que utilizam o Instrucionismo em seus livros didáticos de Língua Inglesa. Mesmo em obras não tanto divulgadas, não foi possível encontrar na literatura pesquisada no Brasil alguma obra segundo o Construcionismo abordando a Língua Inglesa. Porém, as contribuições que esta abordagem pode trazer para o processo de ensino-aprendizagem são muito positivas. Por exemplo, o fato de o aluno poder avaliar o próprio erro já o permite reconhecê-lo da próxima vez que cometer um. E a autoconfiança que essa possibilidade dá ao aluno é de extrema importância para o aprendizado, pois ele consegue ver seu aproveitamento e crescimento no novo idioma.

Avaliando no tocante ao erro, o aluno, ao invés de receber uma punição por ele, teria a oportunidade de discuti-lo e avaliá-lo para saber por que o obteve como resultado. Além disso, o aluno pode levantar hipóteses, fazer comparações (relacionando seu conhecimento de mundo) e sentir-se mais autoconfiante, seguro no ambiente de sala de aula, perante os colegas e o professor.

Com o uso da informática, os alunos podem exercitar as quatro habilidades exploradas no ensino de uma língua estrangeira, pois ao realizarem o *Listening* (audição), podem fazê-lo individualmente, seguindo seu ritmo de trabalho; o *Writing*, utilizando o auxílio de um editor de textos, que aponta os erros na escrita; o *Speaking*, pois podem gravar o som da própria voz e ouvi-la, a fim de eles mesmos poderem verificar erros na pronúncia de algumas palavras e na entonação das frases e, por fim, no *Reading*, pois a Internet é uma fonte riquíssima de textos em Língua Inglesa, como letras de música, por exemplo.

Por isso, utilizar o Construcionismo e a tecnologia resulta num ensino mais completo, que antes dependia em grande parte do professor e de sua iniciativa. Ainda é importante destacar que esse novo panorama educacional é possível e depende da iniciativa da escola (fornecendo a tecnologia) e do professor (mudando/atualizando seu modelo pedagógico), o que poderá ser mais vantajoso para o aluno no processo de ensino-aprendizagem.



#### 4 O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA E A ABORDAGEM CONSTRUTIVISTA

O ensino de Língua Inglesa no Brasil é regulamentado segundo a Lei nº 9.394 de 20/12/96 da LDB da Educação Nacional que, em seu artigo 26, § 5º, garante a obrigatoriedade do ensino de pelo menos uma Língua Estrangeira a partir do 6º ano/5ª série do Ensino Fundamental da rede pública.

Quanto às escolas particulares, já que não há documento oficial que impeça e regule o ensino de línguas antes desse período, a segunda língua é inserida na grade curricular, em muitas escolas, desde a Educação Infantil, para crianças a partir de 4 anos, de maneira lúdica.

Aprender uma língua estrangeira não é apenas aprender mais uma disciplina no currículo escolar ou a falar e escrever em outra língua que não a materna. Uma língua estrangeira amplia a visão de mundo dos alunos, é fonte de uma nova cultura, uma nova forma de ver o mundo.

Por isso, o professor deve estar bem preparado e disposto a ensinar aos alunos uma segunda língua, dando ênfase a todos esses âmbitos. A forma como professor apresenta ao aluno uma outra cultura é o que determina a opinião do aluno em relação à língua estrangeira. Dessa forma, a abordagem, a motivação e o conteúdo devem ser relevantes ao contexto social em que o aluno e a sociedade em que vive está inserido. Em outras palavras, o ensino de uma segunda língua, assim como o de outras disciplinas, deve ser relevante ao educando, o que o motivará a aprender.

Infelizmente, o que se vê hoje em dia não é exatamente essa situação. Segundo os PCNs (BRASIL, 1998, p. 24),

[...] o ensino de Língua Estrangeira não é visto como elemento importante na formação do aluno, como um direito que lhe deve ser assegurado. Ao contrário, freqüentemente, essa disciplina não tem lugar privilegiado no currículo, sendo ministrada, em algumas regiões, em apenas uma ou duas séries do ensino fundamental. Em outras, tem o status de simples atividade, sem caráter de promoção ou reprovação. Em alguns estados, ainda, a Língua Estrangeira é colocada fora da grade curricular, em Centros de Línguas, fora do horário regular e fora da escola. Fora, portanto, do contexto da educação global do aluno.

Na 5ª série o aluno já é falante de sua língua materna, ele já é capaz de ler, escrever, interpretar, ouvir e pensar em Língua Portuguesa, além de já saber utilizá-la, ou seja, em que contexto cada variante lingüística deve ser utilizada. Porém, são muitos os lingüistas que reafirmam a importância da aprendizagem de uma segunda língua antes mesmo da alfabetização, divergindo dos parâmetros dos PCNs (BRASIL, 1998).

No tocante ao processo de aprendizagem de uma segunda língua, quanto mais cedo uma língua diferente da materna da criança lhe for ensinada, mais facilmente a criança conseguirá aprendê-la e ela se tornará uma língua intrínseca ao raciocínio dela. Além disso, a criança consegue pensar, falar e interpretar (ouvir) em ambas as línguas.

Segundo Pinker (2002), se as crianças nascessem após um tempo de gestação superior ao normal (cerca de 18 meses), já nasceriam falando, pois, de acordo com seus estudos, o ser humano possui um mecanismo interno “pronto” para exercer a linguagem. Afirma ainda que somente um humano possui a capacidade de adquirir a linguagem normatizada, ou seja, o falante consegue combinar diversas frases e termos e criar novas composições, além de internalizar regras gramaticais.

As pesquisas descritas por Pinker (2002) demonstraram que crianças coreanas e chinesas, submetidas ao inglês americano entre 3 e 7 anos de idade, obtiveram um resultado na aquisição da nova língua ao nível dos falantes nativos

dos EUA. Após essa fase, quanto mais tarde se inicia o processo, menores os resultados satisfatórios e maiores as dificuldades de aquisição.

Chomsky (1971) afirma que entre 4 a 6 anos é quando a criança domina o sistema fonológico de sua língua, pois seu aparelho fonológico forma-se até os 7 anos, e é quando ela possui uma maior capacidade de assimilação. Depois desse estágio, a aquisição lingüística passa a ser cada vez mais comumente internalizada por comutação: é como um adulto normalmente faz, ao ouvir/ler uma palavra em língua estrangeira, inicia o processo de tradução (substituição) de palavras. Como as estruturas sintáticas e gramaticais são diferentes para cada língua, aparecem as dificuldades de assimilação, bem como de conversação.

Quanto ao ensino de língua inglesa no Brasil, em escolas públicas, a criança tem seu primeiro contato a partir dos 10 ou 11 anos, justamente quando o processo começa a ficar mais difícil. Se o contato com a segunda língua se der antes desse período, a informática é fundamental – a criança pode ouvir, ver e “brincar” com a nova língua, passará a ser indispensável a partir daí, auxiliando o professor a iniciar um processo interativo de aprendizagem, no qual a criança poderá, com autonomia, aprender uma segunda língua de forma mais natural possível.

O Construcionismo nesse sentido é importante, pois se professor possibilitar que o aluno possa ter um contato mais lúdico com a segunda língua, a criança pode ser autônoma e aprender seguindo seu ritmo. Nesse momento é interessante que o erro do aluno seja explorado, pois assim o professor sabe que caminhos seguir para que o ensino supra essa necessidade do aluno de estruturar corretamente os conhecimentos que estão sendo adquiridos.

Desta forma, o programa desenvolvido prevê que o professor utilize-se da temática “cores” que, de forma interativa, possibilita ao aluno exercitar seus conhecimentos sem que realize a comutação, ou seja, que não precise “pensar” ou ler a palavra em seu idioma para depois “trocar-la” por outra na língua inglesa. Além disso, é importante ressaltar mais uma vez que o programa destina-se a alunos de 3º ano/2ª série do Ensino Fundamental, séries não-regulamentadas pelos PCNs.

Assim, educar nossas crianças alienadas ao crescimento e desenvolvimento da Língua Inglesa no mundo seria um erro, pois com a crescente globalização, a busca desenfreada por informação e conhecimento, o aumento do número de pesquisas desenvolvidas no país e muitos outros fatores tornam o inglês importante para os relacionamentos futuros.

O inglês é falado oficialmente por americanos, britânicos, irlandeses, australianos, neozelandeses, canadenses, caribenhos e sul-africanos. Já o português é atualmente falado em 4 países por cerca de 195 milhões de pessoas, enquanto o inglês é falado como língua materna por cerca de 400 milhões de pessoas, tendo já se tornado a língua franca, o Latim dos tempos modernos, falado em todos os continentes por cerca de 800 milhões de pessoas. Além disso, há estimativas de que 75% de toda comunicação internacional por escrito, 80% da informação armazenada em todos os computadores do mundo e 90% do conteúdo da Internet são em inglês, conforme apresentada na tabela a seguir<sup>1</sup>:

---

**Tabela 1 – A presença do Inglês e do Português no mundo**

<b>INGLÊS</b>				<b>PORTUGUÊS</b>			
PAÍSES	População (milhões)	% de falantes nativos	Falantes nativos	PAÍSES	População (milhões)	% de falantes nativos	Falantes nativos
Estados Unidos	286	86	246	Brasil	175	100	175
Reino Unido	59	97	57	Portugal	10	100	10
Canadá	32	63	20	Angola	13.5	60	8.1
Austrália	20	85	17	Moçambique	18.6	20	3.7
Nova Zelândia	4	95	3.8				
Irlanda	4	95	3.8				
<b>TOTAL</b>	405		<b>347.6</b>		217.1		<b>196.8</b>

Como é possível observar, os números são significativos e a importância do ensino da Língua Inglesa como segunda língua é fundamental para o desenvolvimento do país em nível global. Contudo, é necessário que o professor tenha responsabilidade no processo, esteja ciente de que a educação – em todos os seus aspectos – não pode ser encarada como objeto “negociável”, primando por uma educação de qualidade, eficaz e séria.

Trata-se do esforço do educador no sentido de promover o crescimento de seus alunos, de proporcionar-lhes o acesso à cultura da segunda língua, não para contribuir com a difusão desta no âmbito global, mas sim ampliar o conhecimento de

mundo do aluno, capacitando-o para enfrentar as diretrizes cada vez mais exigentes de uma sociedade em rápido desenvolvimento. Essa é uma característica do Construcionismo: educar alunos no sentido de prepará-los para a sociedade em que terão que buscar e processar informações, resolver problemas, tudo com autonomia.

Piaget afirma que:

[...] o principal objetivo da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, e não simplesmente repetir o que as gerações já fizeram – homens que sejam criativos, inovadores e descobridores. O segundo objetivo da educação é formar mentes que possam se críticas, possam verificar, e não aceitar tudo que lhes é oferecido. [...] Precisamos, portanto, de alunos que sejam ativos, que aprendem desde cedo a descobrir sozinhos, em parte através de sua própria atividade espontânea e em parte através de materiais organizados para eles: que aprendam desde cedo a dizer o que é simplesmente a primeira idéia que lhes surgiu na mente (PIAGET & INHELDER, 1974, p. 05).

Entende-se, a partir da afirmativa do autor, que a informática pode e deve ser utilizada de acordo com as exigências educacionais vigentes, e por que não ousar ultrapassá-las, uma vez que é possível inovar e introduzir o ensino de Língua Inglesa em séries iniciais, diminuindo as dificuldades de aprendizagem e tirando da margem social as crianças de modo geral.

Pinker (2002, p. 17) comenta ainda “que existe um período crítico que facilita a aquisição de uma língua estrangeira que vai da infância até o início da puberdade e começa a cair após essa fase”. Essa citação comprova que é na infância o período de dar início ao aprendizado de línguas. Na faixa etária a qual nos referimos, mais especificamente entre os 3 e 7 anos, podemos ressaltar a partir de nossa experiência com prática de ensino de Língua Inglesa, que o trabalho do professor pode estar voltado à oralidade, pelo fato de os alunos não estarem ainda alfabetizados. Desta forma, o professor de Língua Inglesa pode desenvolver as aulas baseadas em atividades como brincadeiras, jogos, dança, música, mímicas,

dramatização, histórias, fazer o uso de fantoches, pesquisas em revistas, colagem, realização de desenhos, pintura, confecção de cartões, marionetes e máscaras. A criança precisa interagir com as outras crianças e essas atividades proporcionam às mesmas o trabalho em duplas ou grupos desenvolvendo o processo de socialização.

Segundo Barros (1996, p. 168) “a socialização significa o processo de integração dos indivíduos em um grupo”. A criança passa pela socialização primária, que segundo o autor:

[...] interioriza ou internaliza além da linguagem, padrões de comportamento, normas de conduta e valores do grupo social a que pertence. A linguagem, além de ser o mais importante instrumento de socialização é o mais importante conteúdo da aprendizagem” (p.169-170).

A criança internaliza a linguagem e todas as noções de comportamento inerentes ao seu meio familiar e irá compartilhar essa educação com outras com quem entrar em contato.

Quando começa estudar em uma instituição de ensino, ocorre a socialização secundária quando, afirma Barros (1996), a escola é citada como representante dessa socialização, entrando no mundo das crianças, do faz-de-conta, tratando-as com carinho e respeito, conquistando sua afetividade, o que contribui para o aprendizado da língua inglesa. O educador precisa introduzir em sua aula objetos concretos, a fim de tornar a aula mais próxima da realidade dos alunos. E o computador exerce papel fundamental nesse aspecto, por suas diversas habilidades: sensório-motora, sócio-cognitiva, etc.

Trocar horas diárias de exposição passiva frente à TV por momentos lúdicos de aprendizagem junto ao computador, promover jogos interativos que promovam a socialização da criança com outras de seu condomínio/bairro, ou até mesmo de outras localidades. Enfim, derrubar barreiras educacionais e culturais são

iniciativas culminantes para o desenvolvimento do país na aldeia global: a formação de indivíduos críticos, preparados para a nova ordem social, que são as mudanças propostas e priorizadas pelas contribuições que o Construcionismo prega para a educação.



## 5 UMA PROPOSTA CONSTRUCIONISTA PARA A LÍNGUA INGLESA

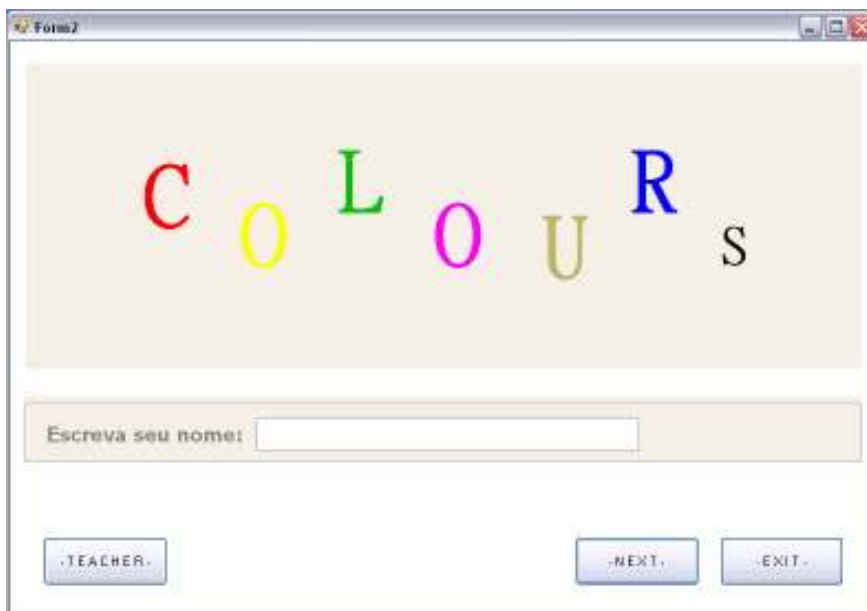
A proposta a seguir é uma das possíveis formas que o Construcionismo pode ser aplicado ao ensino de Língua Inglesa. Por isso, também é importante destacar que o modelo restringe-se a exercitar apenas uma das quatro habilidades comumente exploradas no ensino de uma segunda língua: a escrita.

Essa atividade foi desenvolvida segundo a linguagem de programação Visual Basic. Net e pode ser instalada em um computador que disponha de sistema operacional Windows de qualquer versão.

Essa atividade permite ao professor revisar os conteúdos já explorados com o livro didático. Além disso, a ferramenta desenvolvida, chamada de *Colours*, é uma proposta de tarefa de casa ou de atividade complementar para os exercícios já sugeridos em livros didáticos de Língua Inglesa destinados para turmas de 1ª ou 2ª séries do Ensino Fundamental.

### 5.1 DESCRIÇÃO DO PROGRAMA “COLOURS”

Ao iniciar a atividade, o aluno encontra a primeira tela, na qual terá que preencher seu nome e, em seguida, clicar no botão “Next” (tela 1).



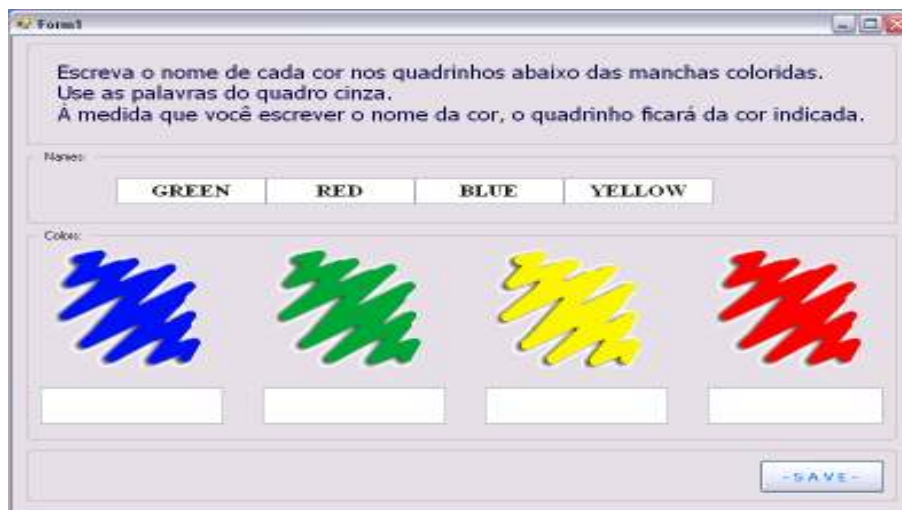
**Tela 1: tela inicial**

Se o aluno não preencher seu nome e clicar no botão “Jogar”, o programa mostrará uma mensagem pedindo que o faça para que possa jogar (tela 2).



**Tela 2: mensagem para preencher o nome**

Na segunda tela, a principal (tela3), o aluno encontrará a atividade. Nela, ele terá que escrever o nome das cores propostas utilizando as palavras apresentadas no quadro de atividades. À medida que o aluno escrever corretamente o nome da cor correspondente, o quadrinho no qual escreveu ficará da cor indicada (tela 4).



**Tela 3: tela principal**

Se o aluno escrever *BLUE* no quadro abaixo da mancha azul, o quadrinho ficará azul.



**Tela 4: tela de acerto**

Já se o aluno escrever outra cor que não seja a cor que deveria escrever, o quadrinho ficará da cor que ele escreveu. Por exemplo: se o aluno escrever *RED* no quadrinho abaixo da cor azul, o quadrinho ficará vermelho e nenhum aviso será dado dizendo que a resposta está errada (tela 5).



**Tela 5: tela de erro**

Se o aluno escrever o nome de alguma cor com a escrita errada, o quadrinho ficará da cor branca com a palavra escrita errada. Por exemplo: se o aluno escrever *BLUUE* no quadrinho abaixo da cor azul, o quadrinho ficará branco e nenhum aviso será dado dizendo que a escrita está errada (tela 6).



**Tela 6: tela de erro de grafia**

Se o aluno escrever qualquer palavra diferente de um nome de cor que o programa abrange, o quadrinho ficará da cor branca com a palavra escrita. Por exemplo: se o aluno escrever CAR no quadrinho abaixo da cor azul, o quadrinho ficará branco e nenhum aviso será dado dizendo que aquela não é a resposta correta (tela 7).



**Tela 7: tela de erro – palavra não inclusa no programa**

Já se o aluno escrever branco, que é cor que teoricamente indica erro, o quadrinho ficará branco com a palavra WHITE escrita (tela 8).



**Tela 8: tela de erro – cor branca**

Se a cor que o aluno digitar não estiver dentre as possibilidades que o programa dispõe, o quadrinho ficará branco, pois essa cor não foi previamente definida pelo professor (tela 9).



**Tela 9: tela de erro – cor não inclusa no programa**

Assim que o aluno completar um quadrinho, ele tem a autonomia de levar o cursor para o próximo e/ou voltar ao (s) anterior (es) quando desejar. Se perceber que errou em determinada resposta, o aluno tem a possibilidade voltar ao quadrinho e de corrigi-la antes de salvar a atividade, o que indica que ele terminou.

É importante destacar que o programa, por não se tratar de um tutorial, não indica com um aviso que o aluno errou. Isso acontece, pois, segundo a abordagem Construcionista, o erro é estruturação errônea de conceitos. Por isso, ele deve ser instruído corretamente do que se espera dele, ou seja, o enunciado deve dizer exatamente pelo o que ele será avaliado, já que o aluno não pode ser avaliado pelo o que não sabia que deveria fazer.

Os erros serão posteriormente corrigidos, com o professor. A correção só de dará depois que o aluno terminar a atividade e clicar no botão SAVE. Dessa forma, as respostas do aluno serão salvas em um arquivo de extensão .txt, que será utilizado posteriormente para a correção.

Para fazer a correção, o professor clicará no botão TEACHER da primeira tela, que o redirecionará a uma outra, em que ele digitará o nome do aluno para que as respostas deste sejam carregadas. Nesse momento, o professor deve clicar no botão VOLTAR À ATIVIDADE, que o redirecionará à tela da atividade com as respostas que foram dadas pelo aluno em questão. Assim, o professor pode ler novamente o enunciado, perguntar se ele entendeu pelo o que foi avaliado, mostrar o(s) erro(s) e permitir que o próprio aluno descubra por que errou. Por exemplo, se o aluno responder RED ao invés de BLUE, o professor deverá mostrar para ele que o enunciado indicava que, ao escrever o nome da cor, o quadrinho deveria ficar da mesma cor que a mancha. Dessa forma, o educando deverá, por si só, descobrir no que falhou, sendo possível revertê-lo e assim aprender.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Preparar alunos para a vida inclui prepará-los para o mercado de trabalho, no qual já se exige uma segunda língua para exercer alguns cargos. Eis aí um motivo importante para ensinar Língua Inglesa na escola.

Por isso, essa deve ser uma questão que o governo e os PCNs deveriam levar em conta: entre 3 e 7 anos a criança ainda não tem o aparelho fonológico desenvolvido completamente, o que facilita a aquisição de uma segunda língua. Por isso, o ideal seria que a Língua Inglesa fosse acrescentada na grade curricular das primeiras séries do Ensino Fundamental de escolas públicas, o que possibilitaria um aprendizado mais fácil da segunda língua, além de ampliar os horizontes culturais dos alunos.

Além disso, a realidade da sociedade em que vivemos exige-nos uma nova postura: hoje, tanto alunos como profissionais devem ser mais independentes. Os alunos devem saber buscar as informações e construir seu conhecimento, o que no futuro será uma importante característica profissional, pois saberá buscar informações e soluções em seu trabalho.

Outra questão é que a escola também deve cooperar diante dessa nova realidade da educação, revisando seus conceitos e seus fundamentos educacionais. Além disso, a escola também deve não só disponibilizar computadores, salas de aulas, espaço físico e materiais, a escola deve também participar da vida do aluno, de modo a contextualizá-lo no ambiente escolar. Isso implica em conhecer as experiências vividas pelos alunos, a família, o bairro, dentre outras, para conseguir mudanças significativas na vida escolar e pessoal dos alunos.



Por isso, o professor também deve conhecer bem os educandos, já que esta é uma das funções do professor motivador, o que possibilitará saber se os alunos se sentem motivados ou não, por exemplo, e como seus potenciais podem ser explorados ao máximo. Com, isso, um canal também será estabelecido para a metalinguagem e o melhor entendimento entre professor e aluno.

## CONCLUSÃO

Já que o computador está cada dia mais presente na vida das pessoas e, um exemplo disso seria fora da sala de aula, é urgente sua presença no processo de ensino-aprendizagem dentro da escola.

Outra questão que corrobora a importância do computador no ensino de um modo geral é a contribuição que ele pode proporcionar para o aprendizado. Ensinar através de outros meios didáticos além do livro-texto é uma forma de preencher lacunas que podem ficar quando se usa apenas uma ferramenta. Porém, isso também não quer dizer que os outros meios didáticos não sejam suficientes ou eficientes, mas por que não variar os estímulos se há possibilidade?

O computador já faz parte da vida de alguns estudantes devido à Internet e sua grande difusão. Ela é muito utilizada, com fins didáticos, pelos alunos, como fonte de pesquisas. E, por isso, o professor deve também incorporá-la ao ensino, já que uma das línguas veiculadas na Internet é o inglês, que também é uma disciplina escolar.

Diante disso, ensinar Língua Inglesa não tem só como objetivo o uso destinado à Internet, mas também ao mundo globalizado e para atender a tantas mídias a que estamos expostos no dia-a-dia: músicas, propagandas, filmes etc.

Infelizmente, o ensino de Língua Inglesa não tem o prestígio que outras disciplinas têm na grade curricular, mesmo sendo visível a necessidade de entender e fazer-se entender nesse idioma tão comum em nossas vidas.

Conforme já foi dito, pesquisas comprovam que quanto mais cedo os alunos aprenderem uma segunda língua, mais fácil será sua aquisição. Isso se

explica já que as crianças aprendem, adquirem a segunda língua assim como a materna, não tendo que fazer o processo que os adultos fazem, de associação de palavras do português com o inglês.

Diante dessa realidade, o ensino de Língua Inglesa para crianças deve priorizar o aspecto lúdico, a expressão corporal, já que nessa idade os alunos estão sendo alfabetizados. Além de ser mais interessante para crianças nessa faixa etária, com o ensino lúdico, elas vão se familiarizando com a pronúncia antes da escrita, o que pode ser aprendido aos poucos sem perdas. Dessa forma, os alunos passam a gostar da segunda língua e aprendê-la de uma forma gradativa e motivadora.

Esse panorama educacional e da sociedade encaixa-se com o que a abordagem Construcionista diz: o aluno deve estar pronto para viver na nova realidade, em que deve resolver problemas, buscar informações, ser autônomo e estar abertos a desafios, a mudanças rápidas e aceleradas.

Dessa forma, o professor de agir como organizador, estabelecendo o objeto de estudo, prazos para entregas de trabalhos; facilitador, sendo acessível aos alunos caso eles tenham dúvidas; motivador, estimulando o aluno a por suas idéias em prática, a pensar, questionar e também mediador, o papel talvez mais difícil, que é o de mediar o contato do aluno com a matéria sem transmiti-la como no Instrucionismo.

Outra questão que envolve escola e os professores é que a utilização do computador, assim como a de qualquer outro meio didático, exige planejamento. O professor deve estar preparado, segundo a abordagem Construcionista, para resolver dúvidas levantadas pelos alunos assim como os problemas levantados pelo professor devem estar acessíveis para o entendimento dos alunos.

Como um exemplo de trabalho dentro do Construcionismo, a ferramenta *Colours*, desenvolvida nesse trabalho, tem como objetivo mostrar que a informática pode ser usada para ensinar Língua Inglesa, ampliando as capacidades do aluno ao exigir dele mais autonomia em seu processo de aprendizagem, que ele mesmo construa o conhecimento e tendo a oportunidade de exercitá-lo sem o medo de ser repreendido pelo erro, que é visto como algo normal dentro do processo de ensino-aprendizado, funcionando como um aprendizado também.

Como trabalho futuro, poderiam ser realizados testes com usuários da ferramenta desenvolvida nesse trabalho. *Colours* poderia ser aplicada a uma turma de 3º ano/2ª série do Ensino Fundamental a fim de verificar sua eficácia e efetivar, por ventura, sua melhoria.

Diante do que foi exposto, pensar em um ensino de Língua Inglesa auxiliado pela informática para o Ensino Fundamental é propiciar que as crianças aprendam, adquiram uma segunda língua sem precisar fazer o processo que os adultos fazem, de associação de palavras do português com o inglês, basta que seja planejado, de modo que explore as capacidades dos alunos ao máximo e, para isso, o professor e a escola devem estar bem preparados também.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Pedro Ferreira de. “Aprender por Projetos, Formar Educadores”. In: VALENTE, José Armando (org.). **Formação de educadores para o uso da informática na escola**. Campinas-SP: UNICAMP/NIED, 2003.

BARROS, C. S. G. **Psicologia e construtivismo**. SP: Ática, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura – MEC. **Parâmetros curriculares nacionais: língua estrangeira**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn\\_estrangeira.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf)>. Acesso em 27 de julho de 2007.

BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura – MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC/SEF, 2000. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14\\_24.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf)>. Acesso em 27 de julho de 2007.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura – MEC. Brasília: MEC/SEF (2004). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/index.php?option&Itemid=300>>. Acesso em 06 de agosto de 2007.

CHAVES, Eduardo O. C.; SETZER, Valdemar W. **O uso de computadores em escolas**. São Paulo: Ed. Scipione, 1998.

CHOMSKY, Noam. (1975). **Reflexões sobre a linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1971.

DEMO, Pedro. **Desafios modernos da educação**. 13. ed., Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1993.

FALZETTA, Ricardo. “Mãos ao micro, professor!”. In: **Revista Nova Escola**. Ed. nº 158, dez., 2002.

LEITE, L. H. **A pedagogia de projetos:** intervenção no presente. Presença pedagógica. v. 2, n.18, 1996.

LIMA, Cleide Micchi O.; CARVALHO, William. **Coleção Playng in English.** New Edition. São Paulo: FTD, 2004.

MORINO, Eliete Canesi; FARIA, Rita. **Hello!** 16. ed., São Paulo: Ática, 2002.

MORONI, Herbert. Treinamento Profissional em Visual Basic .Net. São Paulo: Digerati Books, 2007.

NYARADI, César de Oliveira; OLIVEIRA, Luiza Auxiliadora Pavon de. **Coleção Marcha Criança.** São Paulo: Scipione, 2004.

PAPERT, Seymour. A maior vantagem competitiva é a habilidade de aprender. In. SOUZA, Ana de Fátima. **Superinteressante.** Especial Educação Digital. São Paulo: Ed. Abril, 2001. Disponível em: <<http://www.dimap.ufrn.br/~jair/piu/artigos/seymour.>>. Acesso em 06 de agosto de 2007.

PIAGET, J.; INHELDER, B. **A psicologia da criança.** São Paulo: DIFEL, 1974.

PINKER, Steven. **O instinto da linguagem:** como a mente cria a linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SCHÜTZ; KANOMATA. **O inglês e a Globalização.** Disponível em <<http://www.sk.com.br/sk-stat.html>>. Acesso em 21 de agosto de 2007.

VALENTE, José Armando Valente. “Diferentes usos do computador na educação”. In: **Computadores e conhecimento:** repensando a educação. Campinas: Gráfica Central da UNICAMP, 1993.

VALENTE, José Armando. **Formação de profissionais na área de informática em educação**. 1993. Disponível em: <<http://nied.unicamp.br/publicacoes/separatas>>. Acesso em 27 de julho de 2007.

VALENTE, José Armando. **Por que o computador na educação**, 1998. Disponível em: <<http://br.geocities.com/msantosdownload/texto1.pdf>>. Acesso em 27 de julho de 2007.

## BIBLIOGRAFIA

ALTOÉ, Anair. **O computador na escola:** o facilitador no ambiente logo. Tese de Mestrado. Departamento de Supervisão e Currículo da PUC, São Paulo. 1993.

BARROS, Jorge Pedro Dalledonne; D'AMBROSIO, Ubiratan. **Computadores, escola e sociedade.** São Paulo, Scipione, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação e da Cultura – MEC. **Parâmetros curriculares nacionais:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://mecsrv04.mec.gov.br/sef/estrut2/pcn/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em 27 de julho de 2007.

DEWEY. John. **Como pensamos.** 2. ed. São Paulo: Ed. Nacional. 1953.

GIMENEZ, Telma. **Ensinando e aprendendo inglês na universidade:** formação de professores em tempos de mudança. In: XVI ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE LÍNGUA INGLESA. Londrina, PR: ABRAPUI, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Ed. 34, 1999.

LÉVY, Pierre. Estamos todos conectados. **Revista Nova Escola,** São Paulo, nº164, p. 22-26, agosto de 2003.

LUCENA, Carlos; FUKS, Hugo. **Professores e aprendizes na Web:** a educação na era da Internet. Edição e organização: Nilton Santos. Rio de Janeiro: Clube do Futuro, 2000.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino:** as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.



PAPERT, Seymour. **Mindstorms: Children, Computers and Powerful Ideas**. Basic Books, New York. Traduzido para o Português em 1985, como “**Logo: Computadores e Educação**, Editora Brasiliense, São Paulo.

PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia**. Tradução Dirceu Accioly Lindoso e Rosa Maria Ribeiro da Silva. 7. ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1985.

SANDHOLTZ, Judith Haymore; RINGSTAFF, Cathy; DWYER, David C.. **Ensinando com tecnologia: criando salas de aulas centradas nos alunos**. Trad. Marcos Antônio Guirado Domingues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SCHÜTZ, Ricardo. **Vygotsky e language acquisition**. Disponível em: <<http://www.sk.com.br/sk-vygot.html>> Acesso em 15 agosto de 2007.

SILVA, Aldevino R.; MEDEIROS FILHO, Dante A.; TERUYA, Teresa K; ALTOÉ, Anair. II ENCONTRO DE INFORMÁTICA EDUCATIVA DA UEM – INFORMÁTICA E EDUCAÇÃO. **Anais** 11 a 14 de novembro de 2002.

TAJRA, Sanmya Feitosa. **Informática na educação: novas ferramentas pedagógicas para o professor da atualidade**. 4. ed., São Paulo: Érica, 2002.

WERNWCK, Hamilton. **Ensinamos demais, aprendemos de menos**. Petrópolis: Vozes, 2002.

VALENTE, José Armando. **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas, SP: UNICAMP/NIED, 1999.

VALENTE, José Armando; VALENTE, Ann Berger. **Logo: conceitos, aplicações e projetos**. São Paulo: Editora McGraw-Hill, 1988.